

CARTA AOS LEITORES

LETTER TO THE READERS

Maria Beatriz de Medeiros¹
José Mário Peixoto Santos²

Resumo

Este artigo, em formato de carta, é direcionado aos performáticos, artistas de rua, arte educadores e demais interessados em Composição Urbana (C.U.): performances de rua. Partimos da escrita de cartas para chegar à discussão do que se passa nas ruas durante as performances apresentadas pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e pelo artista ZMário, fazendo algumas considerações acerca das relações entre a arte e a vida nessas produções. São caminhadas e danças que desviam, desafiam, desfilam ruas e encruzilhadas; trabalhos individuais e em grupo que inscrevem e escrevem o corpo na cidade. Os autores utilizados são Careri, Derrida, Medeiros e Nietzsche.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Composição Urbana (C.U.). Interações em performances de rua. Fuleragem. Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos.

Abstract

This paper, written as a letter, is addressed to performers, street artists, art educators and others interested in Urban Composition (*Composição Urbana, C.U.*): street performances. We start with the writing of letters to reach the discussion about what happens on the streets during the performances presented by the Research Group Corpos Informáticos and the artist ZMário, arriving at some considerations about relations between the art and the life in these respective productions. They are walks and dances that divert, defy, parade streets and crossroads; they are art works created individually or in groups that write the body in the city. The authors used are Careri, Derrida, Medeiros and Nietzsche.

Keywords: Contemporary art. Urban Composition (*Composição Urbana, C.U.*). Interactions in street performances. *Fuleragem*. Research Group Corpos Informáticos.

ISSN: 2175-2346

1 mbmcorpos@gmail.com

2 profzmario@gmail.com

Brasília-DF, 30 de julho de 2018.

Caros Leitores,

Vimos discutir algumas questões relativas a performances realizadas nas ruas, caminhadas dançantes, composição urbana (C.U.), fuleragem, andanças por aí. Lembremos com Labbucci: “O caminhar sempre se inclina sobre o tempo presente; quando se inclina sobre o futuro, é uma mentira. Caminhar é colocar-se à prova agora, sem que nada esteja garantido para depois; não é um exercício de fantasia” (CARERI, 2013, p. 36).

A eleição do gênero epistolar é uma tentativa de levar à superfície da folha de papel, para o texto-carta, o que acontece no corpo a corpo das relações, nas ruas, em performances (interações). É notório que a palavra escrita não consegue abarcar as vivências durante o encontro com o outro, na cidade. Da mesma maneira, relatos, fotos ou vídeos não conseguem trazer tais vivências, são, apenas, registros, traços que levam consigo uma vida própria, distinta da vida em si. No entanto, sentimos que é preciso escrever sobre o que se passa durante o contato realizado nessas composições urbanas. Então, que seja a partir de um formato pouco utilizado hoje em dia e que pode trazer uma outra potência, exatamente por estar adormecido: acordar revigorado.

Escrevemos cartas aos colegas *performers*, aos fotógrafos, aos curadores, aos críticos da performance e a vocês. Cartas confessam, então, confessamos aqui que, talvez, escrever cartas tenha se tornado, para nós, um *fetichê*, uma mania, um desejo delirante: comprar envelopes, escrever imaginando o papel andando, por aí, nas mãos de carteiros. Colar selos como colecionadores cuidadosos, filatelistas anacrônicos. Ir às agências dos Correios, construir amizades com aqueles que recebem nossas cartas e esperar por respostas. Nem sempre elas retornam... Assim, gostaríamos de contar com a participação de vocês, leitores, nesse projeto epistolar.

A partir dessa escrita, desejamos nos aproximar das questões levantadas ao longo da pesquisa sobre arte de rua, principalmente, dos aspectos da relação entre o eu e o outro, nós e vocês. São performances-caminhadas em centros urbanos, onde vagam correndo apressados desempregados e empregados exaustos. O que apresentamos são andanças realizadas pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e por ZMário (SANTOS, José Mário Peixoto)¹ como cidadãos e artistas do corpo; caminhadas propostas como performances e ações, no âmbito da arte e da vida, não exatamente derivas, *derive*². Nesse sentido, paciência (também um pouco de lerdeza)

1 Corpos Informáticos é grupo de pesquisa em arte contemporânea: composição urbana, performance, videoarte, webarte. Disponível em: www.corpos.org; www.corpos.blogspot.com.br; www.vimeo.com/corpos. www.performancecorporopolitica.net. Compõem, atualmente, o Corpos Informáticos: Ayla Gresta; Bia Medeiros; Bruno Corte Real; Diego Azambuja; Gustavo Silvamaral; João Stoppa; Maria Eugênia Matricardi; Mariana Brites; Mateus de Carvalho Costa; Matheus Opa; Natasha de Albuquerque; Romulo Barros; Thiago Marques, ZMário (www.zmarioperformer.blogspot.com.br).

2 Guy Debord, em 1956, “(...) com a Théorie de la dérive, atinge-se a superação da deambulação surrealista. Ao contrário dos passeios surrealistas, na dérive ‘a parte de aleatoriedade é menos determinante do que se pensa: do ponto de vista da dérive, existe uma importância psicogeográfica da cidade, com correntes constantes, pontos fixos e voragens, que tornam dificultoso o acesso ou a saída de certas zonas’. A dérive é uma operação construída que aceita o destino, mas não se funda nele; antes tem algumas regras: estabelecer antecipadamente, com base em cartografias psicogeográficas, as direções de penetração da unidade ambiental a ser analisada; a extensão do espaço de exploração pode variar do quarteirão ao bairro e, no máximo, ‘ao conjunto de uma grande cidade e das suas periferias’; a dérive deve ser feita em grupos constituídos por ‘duas ou três pessoas que tenham chegado à mesma tomada de consciência, uma vez que o confronto entre as impressões desses diferentes grupos deve permitir que se chegue a conclusões objetivas’; a duração média definida é de um dia, mas pode estender-se a semanas ou meses, levando em conta a influência das variações climáticas, a possibilidade de se fazer pausas e até mesmo de se tomar um táxi para favorecer a desorientação pessoal (...)”. (CARERI, 2013, p. 89-90).

e destreza são imprescindíveis, pois, como sabemos, “não se caminha para chegar logo [...] caminha-se para ter os sentidos despertados, a fim de encontrar o mundo e contemplar uma experiência de vida” (LABBUCCI, 2013, p. 37).

Leitores desde 1996, o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, do qual fazemos parte, Maria Beatriz de Medeiros e ZMário, vem realizando ações que denominamos Composição Urbana, ou, simplesmente, (C.U.). A arte pode ser intervenção ou interferência urbana. Corpos Informáticos quer, e prefere o termo, “composição”. A composição urbana não interfere nem intervém, compõe e decompõe com o corpo próprio, com o corpo do outro, com o guarda-chuva, com a chuva, com o espaço dito “público”, com a internet.

Deleuze assim comenta Spinoza:

Cada vez que um corpo encontra outro, há relações que compõem e relações que decompõem [...]. Mas a natureza combina todas as relações em um só tempo. Logo, na natureza, em geral, o que não para é que todo tempo há composições e decomposições de relações (DELEUZE, 1981, s. p.).

O artista, no mundo, é vida, participa da vida, traz vida aos centros urbanos, às pessoas-robôs, permeia os porquês compondo/decompondo. O artista modificando a urbis, seja física ou virtualmente (internet), compõe e decompõe. A composição urbana evidencia o delírio que a cidade-sociedade passa e passa correndo, só vendo, sem ouvir, tocar ou massagear. Compor é massagear, manusear, sentir os espaços, aí implantar desvios, rios, meandros antes invisíveis, talvez esquecer o guarda-chuva, talvez encontrá-lo. Compor/decompor, para Corpos Informáticos, é ser arte despreziosamente, é fuleirar (*sic*) de maneira mixuruca, vagabundear na política, sem partido, sem camisa, com vento, fazendo evento.

Caros, somos maria-sem-vergonha, ou melhor mar(ia-sem-ver)gonha. Vamos sem ver, queremos *mar () gonha*. Nos interessa valorizar os outros sentidos em detrimento da super valorizada, pela sociedade hiperindustrial, visão. Performances buscam os outros dez sentidos e não o sentido: “ela pode sempre nada querer-dizer.” (DERRIDA, 2103, p. 100-101). Mar(ia-sem-ver)gonha não é nem macho nem fêmea, nem dobra nem véu, nem arma nem proteção, nem ventre nem *phallus*, na urbis e no mato, individualmente, mas preferencialmente em grupo, bando, cambada, escambo. E nos perguntamos com Derrida, se não somos apenas guarda-chuva ou guarda-chuvas esquecidos “que a distração de um professor tivesse abandonado em alguma parte”.

Mar(ia-sem-ver)gonha é Corpos Informáticos, grupo: age como cambada; necessita ser bando; fazer escambo. E, para tal, precisa ser “meio Leila Diniz”, meio organismo, meio máquina, na *urbis*, meio instrumento com partes conectadas, ligadas por uma liga (varetas, costura), meio véu (pano impermeável do guarda-chuva) que implica, a cada movimento de um, que todas as peles, dos outros, se sensibilizem e se movam juntas. Rejunte não: sistema vivo, articulado: guarda-chuva. Arte e vida.



Fig. 1 – *Andar a pé, viver com arte*. Imagem dos pés do artista ZMário após nove horas de caminhada pelas ruas de Salvador, Bahia, 2003.
Fonte: <www.perfopuerto.net/4cardinales/index.htm>

Prezados Leitores, a performance que comentaremos agora denominou-se *Andar a pé, viver com arte*, e foi realizada em 2003, nas ruas do centro da cidade de Salvador, Bahia, pelo artista-performer ZMário. A ação foi feita durante a mostra *4 Cardinales* – Mostra Internacional de Performance, organizada pelos performers do coletivo *PerfoPuerto / Perfolink*, Chile (Alexander del Ré, Leonardo González e Alejandra Herrera). O evento contou com a participação de artistas de diversos países (disponível em: <www.perfopuerto.net/4cardinales/index.htm>. Acesso em: 18 jul. 2017).

ZMário, desde o início da sua carreira artística, se interessa por impressões corporais (o que deu origem a uma série denominada *Monotipia Corporal Sobre Objetos Cotidianos*) e pela imagem do corpo humano fragmentado, assim como a arte da performance. Essa paixão-performance permanece.

Andar a pé, viver com arte foi uma performance duracional: nove horas consecutivas. No dia 27 de setembro de 2003, ZMário se propôs a uma caminhada com os pés descalços pelas ruas da cidade de Salvador, Bahia. A ação buscou um movimento na tentativa de estreitar fronteiras entre a arte e a vida, entre experiência estética e ações cotidianas, além de estabelecer relações entre o eu e o outro em performance.

Com uma câmera filmadora nas mãos e uma outra, fotográfica, na mochila, buscou registrar as imagens de seus pés em meio aos tantos outros pés calçados, os pés dos passantes desempregados apressados e empregados exaustos. A mudança da relação de foco “olho no olho” para “olho nos pés”, durante a ação, foi resultado de um desejo por uma vivência diversa, uma outra forma de perceber a cidade e seu próprio corpo. Os pés no chão como uma experiência sensorial, próxima à natureza humana, uma redescoberta de texturas e temperaturas: granito frio, terra morna, asfalto quente etc.

Leitores, ao caminhar, ZMário se portava como um andarilho urbano, um “paleteiro” (no falar de rua de Salvador), em trânsito no sobe e desce das ladeiras, realizando ações cotidianas: da Lapa à Barroquinha; dos Barris ao Porto da Barra; do Shopping Center Lapa à Feira das 7 Portas; do Largo 2 de Julho ao Solar do Unhão – MAM; da Avenida Joana Angélica à Avenida 7, passando pelo circuito das galerias e dos museus: Conjunto da Caixa, ICBA, ACBEU, MAB, Costa Pinto, Aliança Francesa.

Asceta contemporâneo, caminhante errático, seguia seu percurso fuleiro, mal traçado, mente atenta, “lenta-mente”. O caminhar sem calçados o levou à uma outra percepção do entorno, dos lugares, como se pudesse “mapear” com as solas dos pés íntimos percursos – a visão “des-prezada” em detrimento dos outros sentidos. Em seu cansaço físico, diz ter alcançado uma consciência outra, quase mítica, da arte e da vida.

Hermes ou Mercúrio, o mensageiro dos deuses. Era o deus dos viajantes e do comércio (mercari = comerciar), bem como dos ladrões e do lucro, e era o protetor das estradas e das encruzilhadas, no duplo significado dos percursos sobre a Terra e dos percursos das almas em direção ao Além (CARERI, 2013, p. 54-55).

Para não ficarmos circunscritos ao universo mítico da cultura greco-romana nem ao seu panteão de deuses caminhantes, gostaríamos de convocar a imagem de Exu no contexto dessas andanças sem vergonhas pelas ruas da cidade de maior população negra fora da África, a *Soterópolis* (*sotero*, de origem grega, Salvador), cidade de São Salvador. Legbá, Bará, Exu, é também deus da comunicação, dos caminhos e das encruzilhadas, no panteão iorubá. O primeiro a ser invocado pelos devotos das religiões afro-brasileiras nos seus pedidos e urgências – já que anda rápido, tudo leva e tudo trás. Dono dos caminhos, hedonista por natureza (boca que tudo come), o mais próximo dos seres humanos, de suas virtudes, fraquezas e de seus fracassos e, principalmente, dono dos caminhos, o que vai na frente, solitário. Leitores, saudemos o povo da rua! Saudemos, Exu e Pomba Gira, com suas vergonhas expostas, homem-mulher das encruzilhadas!

Por fim, como resultado desse percurso solitário e ensimesmado, tão próximo à terra, à rua em sua materialidade, ZMário deixou as impressões de seu corpo, das pegadas, sobre o suporte cidade. Inversamente, foi marcado (física e psicologicamente) pelos resíduos das ruas e pelas imagens daquele cenário citadino. Daí se segue a constatação que, do compartilhar a trilha em grupo à caminhada solitária, em performance, obteve conhecimento dessa arte do corpo e dos limites do seu próprio corpo, num exercício de autoconhecimento.

Certamente se pode viajar sozinho, mas com a certeza de estar sempre diante de si mesmo, noite e dia, nas circunstâncias, nas horas fastas e nefastas. Momentos felizes ou momentos tristes, instantes melancólicos ou alegres, desejo de isolamento ou vontade de compartilhar: em todos esses casos teremos de nos suportar, aceitar nossa própria companhia (ONFRAY, 2009, p. 43).



Fig. 2 – *Ruta-10* (Roteiro de Desviagem), 2009-2010.
O artista ZMário com o roteiro de “desviagem” pelas ruas de Santiago, Chile.
Fonte: Acervo do artista ZMário.

Leitores, a próxima ação a ser descrita e analisada é *Ruta-10 (Roteiro de Desviagem)*, 2009-2010. Trata-se de uma ação, também como caminhadas, pelas ruas de Santiago, Chile, realizada por ZMário em coautoria com a artista plástica Morganna (Marcela Avilés).

A ação surgiu a partir do reencontro de ex-colegas do curso de bacharelado em artes plásticas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) separados pela distância de dez anos e os tantos quilômetros entre os oceanos Pacífico e Atlântico. Nessa proposta, as fronteiras entre arte e vida, novamente, se confundiram. Ainda em Salvador-BA, ZMário propôs à Morganna que criasse um roteiro de viagem, a partir de suas próprias experiências, para ser seguido em Santiago, durante as duas semanas que o artista passaria naquela cidade. Solicitou à Morganna uma rota, um mapa, uma cartografia, no mesmo instante em que se declarava a favor dos ventos, dos bons ventos, que o levassem a encontros, nas ruas da nova cidade. A ZMário coube provar, ouvir, cheirar, ver, tocar, a partir de uma percepção anterior, de um outro. Além disso, apresentar provas de que a vivência, de fato, ocorreu.

Nas duas páginas do roteiro elaborado por Morganna, foram apresentadas as 10 rotas com suas respectivas dicas do que fazer e de como elas seriam (ou não) vivenciadas:

1. *Boate Disco Fausto (Antes das 22h)*. Dica: *Paulette Favres (uma pluma)* > ZMário saiu com amigos para dançar nessa boate, mas não encontrou a *Drag Queen* referida... nem sua pluma;
2. *Museu Arte Contemporânea*. Dica: *Francisco Brugnoli (nada)* > ZMário visitou o museu indicado, mas não foi ao encontro de Francisco Brugnoli (nada);
3. *La Piojera*. Dica: *Terremoto (bebida a base de vinho branco e sorvete de abacaxi)* > Num encontro com artistas e frequentadores de *La Piojera*, o conhecido Palácio Popular, ZMário tomou *Terremoto* duplo com seu amigo Leonardo González;
4. *La Caja Negra*. Dica: *Victor Hugo Bravo (a escolher)* > Desviagem!
5. *La PERRERA au, au, au (...)*. Dica: *Cachorro de Antonio Becerro* > Desviagem!

6. *Paseo HUÉRFANOS (please!!!)*. Dica: *Do guarda da entrada (un dulce)* > ZMário caminhou pelo *Paseo Huérfanos* e comprou “*un dulce*” típico a base de milho (muito doce!);
7. *Metro Los Heroes (fazer performance às 18:00 h – hora local)*. Dica: *Da moça do caixa (01 boleto)* > ZMário comprou o boleto do metrô, mas não fez o trajeto. Preferiu ruminar a passagem e depois descartá-la na lixeira do metrô;
8. *Cajón Del Maipo*. Dica: *Trazer uma (Pedra)* > Desviagem!
9. *Centro Cultural LA MONEDA*. Dica: *Artesanias de Chile (algo MAPUCHE)... Peñe-Peñe* > O Museu é lindo. O artesanato conhecido como *Peñe-Peñe* estava em falta, não comprou nada;
10. *Neruda HOUSE X ZOO*. Dica: *Concha + areia (pinguins)* > ZMário conheceu a Casa de Neruda, fotografou os grafites no entorno, mas não teve interesse pelo ZOO.

Se ZMário impedido ou, propositalmente, desviou-se dos caminhos (desviagem) e das indicações dadas por Morgana, esteve à mercê de outros tempos e espaços. Daí o título *Ruta-10 (Roteiro de Desviagem)*.

Leitores, essa proposta também se distingue da *dérive*, dos situacionistas. ZMário, praticamente, durante todo o tempo, caminhava sozinho, sem ter com quem dividir as percepções daquele novo espaço, daquelas gentes. Não pretendia objetivar nada, apenas fazer composição urbana durante a experiência, não pretendia descrever a cidade. Apenas, se guiava em uma busca por vivenciar (ou não) situações já experimentadas por outrem, num devir performer, de corpo inteiro. Absorto em percepções subjetivas do entorno, intentava levar a cabo uma promessa já desvirtuada em sua origem, pois a “desviagem” fora prevista desde o princípio da elaboração do roteiro. O que o atraía, de fato, era o que o apetecia nas ruas: “(...) appetite não é senão a própria essência do homem, da natureza da qual se segue necessariamente o que serve para a sua conservação; e o homem é, assim, determinado a fazer essas coisas” (SPINOZA, 2004, p. 284). O que lhe causava algum tipo de rejeição, ojeriza ou desconforto, era o que o levava ao desvio, à “desviagem”.

Na cidade natal ou nas cidades desconhecidas, o passo descontraído precede o passo atento; o medo se alterna com a aventura; o sentimento de solidão é substituído pelo sentimento de estar perdido numa multidão. Ao sabor dos ventos, indo sem ver – “mar(ia-sem-ver)gonha” –, ZMário foi levado a encontros, a “e-ventos” (Corpos Informáticos). Muitas vezes bons-encontros, outras vezes não. Como na vida, tudo é surpresa, “im-previsto”, incerteza. Como na performance, tudo é vida (pulsante).

Em dezembro de 2014, Corpos Informáticos organizou a exposição/evento *Birutas (e) vento*, na galeria Espaço Piloto, Brasília-DF. Em uma das 5 vernissages que fizemos, em determinado momento, quando o Grupo Algodão Choque tocava alto, João Stoppa se colocou a dançar, intensamente, dançar. Logo, aos poucos, outros membros do Corpos foram percebendo seu movimento e juntando-se a ele. Em breve, todo o Corpos e outros estavam dançando uma dança livre, sem nexos, sem ritmo, sem estar junto, sendo célula dançante tomando toda a calçada em frente à galeria. A essa ação dançar, como entendemos que Nietzsche sugeriu, chamamos, posteriormente, *Desfi(L)ando*. Arte e vida.

No início de 2015, fomos convidados a realizar performances no SESC Campinas. João Stoppa, novamente, fez a proposta de *desfi(L)ar*. O *Desfi(L)ando*, aqui, ocorreu

em um contexto urbano saturado (impessoal). Desafiou o cotidiano. Enquanto dançava, com fones de ouvido, em ruas comerciais do centro de Campinas, os vendedores e transeuntes, intercalavam anúncios e ofensas, o que potencializava a repulsa ao corpo com pujança que foge do costumeiro.



Fig. 3 – João Stoppa em Desfi(L)ando, 2015. Campinas, São Paulo.
Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos.

Leitores, aqui, João dançou com fones de ouvido, por cerca de 15 minutos, percorrendo quase 1 Km. Houve estranheza, risos, muitas fotos de transeuntes, comentários agressivos. A câmera, operada por Bia Medeiros foi, de certa forma, um meio de manter a segurança do caminhante dançarino. A partir desse momento, foi proposto a Stoppa que o Corpos Informáticos incorporasse essa prática: dançar como Nietzsche sugeriu.

Pelo canto e pela dança, o homem manifesta seu pertencimento à uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar e, dançando, ele está a ponto de voar nos ares. Seus gestos dizem seu feitiço [...] ele se sente deus, ele circula extasiado, elevado, assim como ele viu em seus sonhos andarem os deuses. O homem não é mais artista, ele tornou-se obra de arte: o que se revela, aqui, na emoção da embriaguez, é em vista da suprema volúpia e da calma do Um originário, a potência artista da natureza inteira (NIETZSCHE, 1989, p. 45. tradução nossa).

Lendo esse trecho de Nietzsche, percebemos que, quando ele se refere à dança e a específica, faz questão de diferenciá-la da dança militar (marcha de tropas) e do balé. Então, vislumbramos uma criança de cerca de 5 anos, andando de mãos dadas com a mãe, em movimentos descompassados, saltitantes, como que tendo a intenção de gastar os sapatos. E, nesse vislumbrar, entendemos o que denominamos “dançar como entendemos que Nietzsche sugeriu” (embora tenhamos concluído por nossos próprios caminhos o que Nietzsche talvez tenha sugerido): caminhar sem dar um passo igual ao outro, dançar sem ser em linha reta, procurar os abismos ignorados dos espaços existentes. Isto é, sugerir um outro estar no espaço, um outro espaço no estar: desfi(L)ar, desfiar, desafiar, talvez, tirar o fio de tanta agressividade com outra dança, uma dança outra.

Leitores, *Desfi(L)amos* em Taguatinga, em 2015, sem som algum, vestidos com roupa de U.T.I. e chamamos essa ação *Urbanóides Transitam o Inexistente* (U.T.I.):

de metrô da Asa Sul à Taguatinga, um percurso de 1 km em Taguatinga e retorno de metrô, isto é, cerca de 3 horas em performance. *Desfi(L)amos*, em outubro, no Rio de Janeiro, apenas com detalhes vermelhos na roupa. De Ipanema, de metrô, até o Largo do Machado e, em seguida, a pé, até a Praça São Salvador. Aqui muitos vieram compor conosco: amigos, primos, Alex Hamburger, Raphael Couto, Suely Farhi, crianças e mendigos. O Corpos estava representado apenas por 4 pessoas. Não havia música e quando houve (roda de samba da praça) nos mantivemos parados, estátuas, no meio do povo dançando. A ação durou cerca de 2 horas.

Desfi(L)amos, sem som, com muitos, no ICC da Universidade de Brasília UnB, por quase duas horas, com algum toque de vermelho na roupa e muitos participantes espontâneos. *Desfi(L)amos* sem som, com cachos de pedaços de casca de mognos vestidos parcialmente de vermelho, em São Paulo, durante o evento Perfor 6 (Associação Brasil Performance). *Desfi(L)amos*, com Luisa Gunther e Ary Coelho, durante o evento Performance Corpo Política, organizado pelo Corpos Informáticos, na rodoviária de Brasília, sem som, com cachos de mognos. *Desfi(L)amos*, com Luisa Gunther e Ary Coelho, durante o evento Dança XYZ, sem som, vestidos parcialmente de amarelo e preto, cores que estes usam.

Em 27 de fevereiro de 2016, *Desfi(L)amos*, com Jorge Schutze (13/12/1963 -29/02/2016), também, no evento Dança XYZ. Aqui, a proposta de Schutze era perguntar às pessoas se elas queriam que ele dançasse para elas. Ao aceitarem, se punha a dançar por tempo indeterminado para aquelas pessoas. Neste seu penúltimo dia de vida, dançou por cerca de 3 horas. Apenas *Desfi(L)amos* ao longe, dançando, com guarda-chuvas e parcialmente vestidos de azul, sua cor preferida para performances.



Fig. 4 – *Desfi(L)ando*. Universidade de Brasília UnB – Corpos Informáticos.
Fonte: <<http://corpos.blogspot.com.br/2015/11/desfilando-no-iccunb-2015.html>> Fotos: Mateus de Carvalho Costa.

Desfi(L)amos em Goiânia no evento Roçadeira, 2015, com cadeiras brancas e vestidos parcialmente de preto. E *Desfi(L)amos* no Congresso Nacional. Agendamos uma visita e, sem guia, desafiamos a ordem na dita Casa do Povo até sermos expulsos. Talvez não fossemos povo, mas apenas guarda-chuvas não desmemoriados da história recente, e a vir, do Brasil 2015. Talvez aquele lugar não suportasse nem a arte nem a vida.



Fig. 5 – **Desfi(L)ando no Congresso Nacional**. Brasília, 2015 – **Corpos Informáticos**.
 Fonte: <www.corpos.blogspot.com.br>. Fotos: Mateus de Carvalho Costa.

Nessas produções de C.U. (Composição Urbana) “o ser tem seu lugar no movimento que faz advir a si próprio.” (DERRIDA, 2013, p. 90). O que analisamos aqui foram performances que buscaram “sempre nada querer-dizer.” (idem, 2013, p. 100-101). Elas invertem a lógica do mundo hiperindustrial futricando o cotidiano, cutucando as feridas dos corpos homogeneizados, encostando na tangente do que não pode ser dito, desafiando o equilíbrio instável de verdades inexistentes, provocando riso ou incômodo, incomodando os *a-cômodo-dados*, inspirando o ar poluído para devolver dança ou caminhar, desfile que tira o fio, desafia. Aqui o sorriso espanca o concreto e o asfalto: ironia e fuleragem, pífiio e obnóxiio, vagabundo ou vaga bunda

Despedimo-nos, caros Leitores, pois estas páginas já não comportam os registros do movimento frenético da caneta esferográfica sobre o papel, em plena madrugada. A propósito, gostaríamos de perguntar sobre a percepção de vocês, leitores, a respeito dos conceitos e das performances aqui apresentadas. Ficamos à espera desse retorno com curiosidade.

Queiram receber nossos sinceros sentimentos,
 Os autores.

Referências

4 CARDINALES. **Perfopuerto**. Disponível em:<www.perfopuerto.net/4cardinales/>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013.

CORPOS INFORMÁTICOS. Blog. Disponível em: www.corpos.blogspot.com.br. Acesso em: 18 jul. 2017.

DELEUZE / SPINOZA. **Curso de Vincennes**. 13/01/1981. Disponível em: webdeleuze.com/php/texte.php?cle=31&groupe=Spinoza&langue=1.

KANTOR, Tadeusz. *O teatro da Morte*. São Paulo: Perspectiva/ edições SESC-SP, 2008.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MEDEIROS, M.B.; ALBUQUERQUE, Natasha de. **Composição urbana**: surpresa e fuleragem. Publicado no catálogo *Palco Giratório*: circuito nacional. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2013. Disponível em: <http://grafiasdebiamedeiros.blogspot.com.br/2014/05/composicao-urbana-surpreensao-e.html>. Acesso em: mai 2016.

MEDEIROS, M.B. **CORPOS INFORMÁTICOS**: BIRUTAS (E) VENTO, In *24º Encontro Nacional da ANPAP*, 24, 2015, Santa Maria (RS). Anais, ANPAP, UFSM, 2015, p.1461-1475. Disponível em: anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/maria_beatriz_de_medeiros.pdf. Acesso em: abr. 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Origem da Tragédia**. Tradução: Erwin Theodor. 2006. Versão para e-Book. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/eLibris/tragedia.html. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. **La Naissance de la tragédie**. (Leipzig, E. W. Fritsch, 1872). Paris: Éd. Gallimard, 1989, p.45.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

SPINOZA, Baruch de. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2004.

ZMÁRIO. *Blog*. Disponível em: www.zmarioperformer.blogspot.com.br. Acesso em: 18 jul. 2017.